

Mauro S. Hernández Pérez  
Jorge A. Soler Díaz  
Juan A. López Padilla  
(editores)

ALICANTE

27 al 30 noviembre 2006

IV Congreso del  
**Neolítico**  
**Peninsular**



Actas del IV Congreso del Neolítico Peninsular. Tomo II  
Mauro S. Hernández Pérez, Jorge A. Soler Díaz y Juan A. López Padilla (editores)  
Alicante: MARQ. Museo Arqueológico de Alicante, Diputación de Alicante  
2008 – 400 p.: il. b. y n.; 27 cm

903(46)“634” (063)

ISBN tomo II: 978-84-96979-14-7  
ISBN obra conjunta: 978-84-96979-00-0

Correspondencia e intercambios:  
MARQ. Museo Arqueológico de Alicante  
Plaza Gómez Ulla, s/n  
03013, Alicante

## IV Congreso del Neolítico Peninsular

### Comité Científico

Ana María Muñoz Amilibia  
Miquel Molist Montanyà  
Josep Bosch Argilagós  
Isabel Rubio de Miguel  
João Zilhão  
Gabriel Martínez Fernández  
Joan Bernabeu Aubán  
Juan Manuel Vicent García  
Pablo Arias Cabal

### Comité Organizador

*Dirección:*  
Mauro Hernández Pérez  
Jorge A. Soler Díaz  
*Secretaría Técnica:*  
Juan A. López Padilla  
Olga Manresa Beviá

© MARQ. Diputación Provincial de Alicante

Preimpresión:  Espagrafic

Impresión: Gráficas Estilo

ISBN tomo II: 978-84-96979-14-7  
ISBN obra conjunta: 978-84-96979-00-0  
D. L.: A-640-2008

## NA PRIMEIRA METADE DO 3º MILÉNIO A.N.E., DOIS SUBSISTEMAS MÁGICO-RELIGIOSOS NO CENTRO E SUL DE PORTUGAL

Victor S. Gonçalves

...I will limit my account to this rough outline of what I myself have observed. If, however, I have omitted anything, I will tender additional reports as called for at a later date. The above, then, constitutes my provisional memorandum.

Akugatawa Ryonusuke, Rashomon  
(Dr. Ogata Ryosai memorandum)

**Resumo.** Na primeira metade do 3º milénio, coexistem dois subsistemas mágico-religiosos distintos no Centro e Sul de Portugal. Um, de origem mais antiga, talvez dos dois últimos séculos do 3º milénio a.n.e., baseia-se na prática de associar aos mortos figuras cujo suporte são placas de xisto. É uma prática dinâmica, que evolui, e cuja fase avançada se caracteriza pelo aparecimento de uma «imagem dentro da imagem». A imagem englobante é a de uma Deusa Mãe, a imagem incluída é a de um Jovem Deus, a figuração gráfica dos «ídolos almerienses» ou «ídolos chatos», também individualizados em figurinhas de osso ou xisto.

O segundo subsistema mágico-religioso consiste no uso de artefactos votivos de calcário, normalmente acompanhando as deposições funerárias. Assumem formas e significados específicos muito diferentes das placas de xisto gravadas, ou das placas de grés, mas, por vezes, compartilham com elas componentes gráficos concretos, como os triângulos preenchidos com retícula ou os símbolos da Deusa.

O grande centro de origem e desenvolvimento das placas de xisto gravadas é o Alentejo Central. Dois grandes centros de produção dos artefactos votivos de calcários são a Península de Lisboa (onde se regista, até ao momento, a maior quantidade e diversidade) e o Algarve Ocidental.

Analisa-se os problemas nucleares dos dois subsistemas mágico-religiosos e as suas episódicas interpenetrações. Algumas placas de xisto, por um lado, e o santuário da gruta do Correio Mor (Lisboa) foram seleccionados como exemplos.

**Resumé.** Dans la première moitié du 3<sup>ème</sup> millénaire, on trouve dans le Centre et le Sud du Portugal deux systèmes magico-religieux autonomes, l'un avec des plaques en schiste, gravées, l'autre avec des objets votifs faits en calcaire.

La distribution géographique est différente, pour les plus fortes densités de concentration de ces objets: l'Alentejo Central pour les plaques, la Péninsule de Lisbonne et l'Algarve Occidental pour les objets votifs en calcaire.

Les significations, elles aussi sont différentes. Les plaques représentant une Déesse Mère (et, à partir d'un certain moment, aussi son fils, le Jeune Dieu des mythologies méditerranéennes) et les objets votifs en calcaire d'une énorme diversité. Mais des motifs typiques des plaques (les triangles surtout) sont aussi présents, comme motifs secondaires des objets en calcaire. Les triangles et les motifs symboliques de la Déesse (tatouages, Yeux de Soleil, figurations vulvaires – dans les bétyles).

Sont ici présentées les questions nucléaires sur ces deux systèmes magico-religieux, considérés par l'auteur composants de deux blocs différents, mais en contact. Les plaques d'Alentejo et l'autel de la grotte de Correio Mor (Lisbonne) ont été choisis comme exemples.

### ABRINDO

Na primeira metade do 3º milénio, coexistem dois subsistemas mágico-religiosos distintos no Centro e Sul de Portugal. Um, de origem mais antiga, começa, talvez, algures nos dois últimos séculos do 4º milénio a.n.e., e é, sem qualquer dúvida, «indígena». Não sabemos muito sobre ele, à excepção de incluir a prática ritual de associar aos mortos uma figura protectora, cujo suporte são placas de xisto, grauvaque ou serpentinóide, e cujos componentes são maioritariamente geométricos ou geometrizarantes. É uma prática dinâmica, que se diferencia a nível da forma e, provavelmente, do significado, integrada num subsistema mágico religioso que evolui e cuja fase avançada se caracteriza pelo aparecimento de uma «imagem dentro da imagem». A imagem englobante é a de uma Deusa Mãe, a imagem incluída é a de um Jovem Deus, a figuração gráfica dos «ídolos almerienses» ou «ídolos chatos», também individualizados em figurinhas de osso ou xisto.

O segundo subsistema mágico-religioso inclui o uso de artefactos de calcário, a grande maioria votivos, outros de um utilitarismo ritual (almofarizes para o ocre vermelho), normalmente acompanhando as deposições funerárias. Faz parte de um «gosto pelo calcário» comum no Mediterrâneo, que assumiu no 3º milénio, e mesmo no 2º, um papel importante em torno ao grande mar interno e nas suas ilhas.

Os artefactos votivos de calcário assumem formas e significados específicos muito diferentes das placas de xisto gravadas, ou das placas de grés, mas, por vezes, compartilham com elas componentes gráficos concretos, como os triângulos preenchidos com retícula ou os símbolos da Deusa, particularmente as

«tatuações» faciais, os Olhos de Sol (Gonçalves, 1980) e, ainda que raramente, o triângulo púbico (Cardoso, 1997).

O grande centro de origem e desenvolvimento das placas de xisto gravadas é o Alentejo Central. Dois grandes centros de produção dos artefactos votivos de calcários são a Península de Lisboa e o Algarve Ocidental, mas particular destaque deve ser dado à Península de Lisboa, onde se encontra a sua maior diversidade formal (e volume quantitativo).

Se as questões relacionadas com a definição dos núcleos centrais, tanto para as placas de xisto gravadas como para os artefactos votivos de calcário, são relativamente simples, de tal forma uns se concentram no Alentejo Central e outros na Península de Lisboa, a questão fundamental centra-se em identificarmos as interpenetrações que os dois grupos registaram e procurarmos a sua explicação. Se nos grandes monumentos do Alentejo Central registamos por vezes números muito acima das 100 placas (e até mesmo na pequena anta STAM 3 se ultrapassavam as 20), os artefactos votivos de calcário encontram-se concentrados em monumentos como os *tholoi* (Pai Mogo e Tituaría, por exemplo), em grutas artificiais como Alapraia ou Carenque, em monumentos megalíticos ortostáticos como Carcavelos, Estria, Casaínhos e Trigache 1 a 3, e em grutas naturais como Bugio, Poço Velho ou Correio Mor.

No entanto, os artefactos votivos de calcário aparecem em povoados de interior, certamente no local onde foram adquiridos, ou onde se encontram em trânsito, e assumem, por vezes, variantes que, tendo a ver com o símbolo, são no entanto eminentemente funcionais, como é o caso dos almofarizes para o ocre vermelho ou dos recipientes de calcário de paredes finas, que também poderiam ter sido utilizados em rituais domésticos.

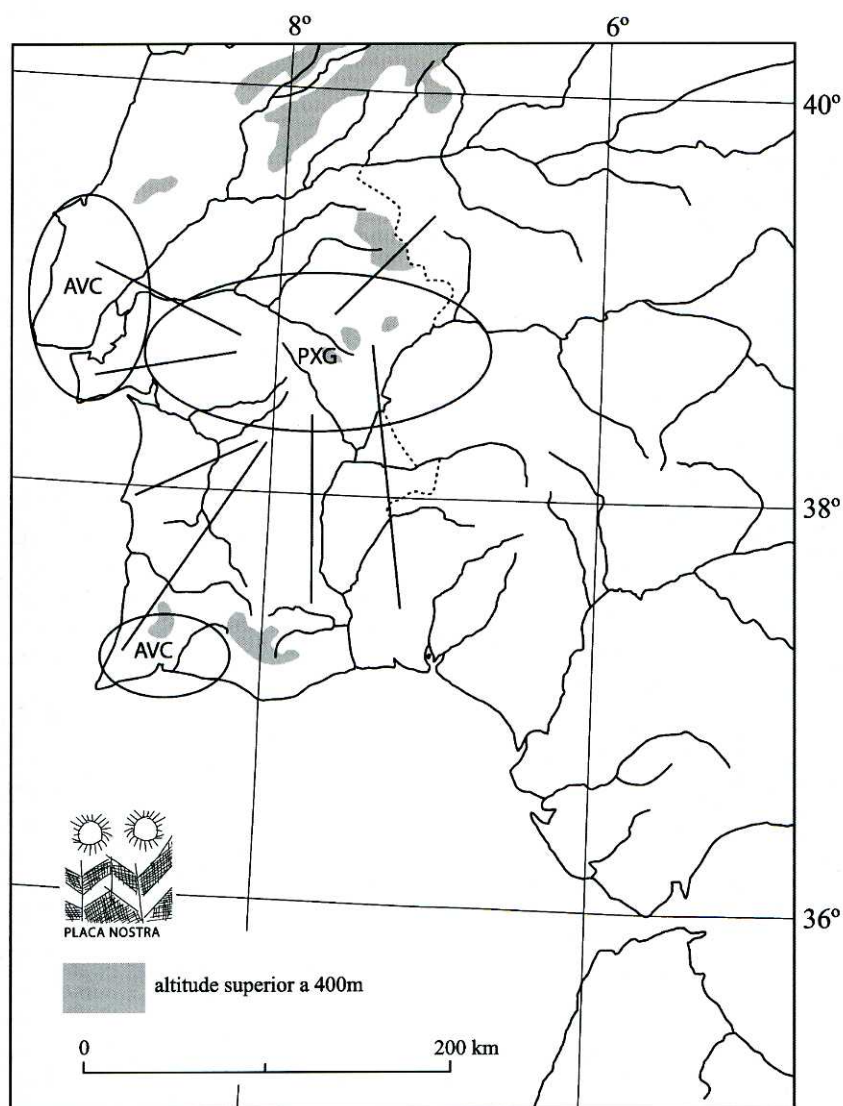


Figura 1. As áreas centrais de produção e uso para as placas de xisto gravadas (PXG) e artefactos votivos de calcário (AVC) no Centro e Sul de Portugal.

As placas de xisto aparecem também em povoados da área litoral central, nomeadamente no Pedrão, em Vila Nova de São Pedro e Zambujal, Lexim, em grutas artificiais como São Paulo 2, Carenque e Praia das Maças (Câmara ocidental) e ainda em *tholoi* e grutas naturais, mas em todas estas situações sempre em números reduzidos.

O modelo explicativo que melhor assenta nesta situação reside inevitavelmente nas trocas comerciais do sílex do litoral pelas rochas duras e pela pedra verde do interior alentejano, que devem ter acarretado transferências de complexos dos diferentes subsistemas mágico-religiosos. Mas, no entanto, com o avançar do 3º milénio, um novo componente surge, o cobre, completando no Ocidente peninsular a complexa série de combinações da Revolução dos Produtos Secundários (Gonçalves, 1993b).

O cobre, cuja mineração vem claramente do Sul peninsular para a Península de Lisboa, é acompanhado por um conjunto simbólico que associa novos componentes à gramática significante de uma Deusa Mãe pré-existente. Entre esses símbolos, contam-se as figurações dos Olhos Solares e, naturalmente, a presença da figurinha recortada identificada com o ídolo almeriense.

Como é natural, os centros difusores apresentam números de variantes que não coincidem com as dos destinos últimos,

onde são muito menores. De onde, como veremos, as situações detectáveis na periferia para as placas, em contraste com as placas do centro. Ou os numerosos artefactos votivos de calcário das Penínsulas de Lisboa e Setúbal, contrastando com Alentejo.

#### AS PLACAS «ALENTEJANAS» E A SUA DINÂMICA EVOLUTIVA

A extensa bibliografia sobre as placas de xisto gravadas é aqui resumida a alguns dos textos mais recentes. Alguns deles têm que ver com significados (Gonçalves, 1970, 1989b, 1992, 1993a, 1999b, Lillios, 2002, Gonçalves, 2003e, 2004b [revisado em 2005b], 2006a, 2006c), outros com a publicação integral de conjuntos (2004b [e 2005b], Gonçalves, Andrade e Pereira, 2004a, 2004b, Gonçalves, Pereira e Andrade, 2003, 2005a, 2005b). O *Corpus* «PLACA NOSTRA» terá o seu primeiro volume editado pelo Museu Nacional de Arqueologia em 2007-2008 e reúne a totalidade do espólio de placas de xisto gravadas da Anta 1 do Paço de Aragão (Gonçalves, no prelo), seguindo-se-lhe os volumes dedicados ao *tholos* do Escoural e à Anta Grande do Zambujeiro.

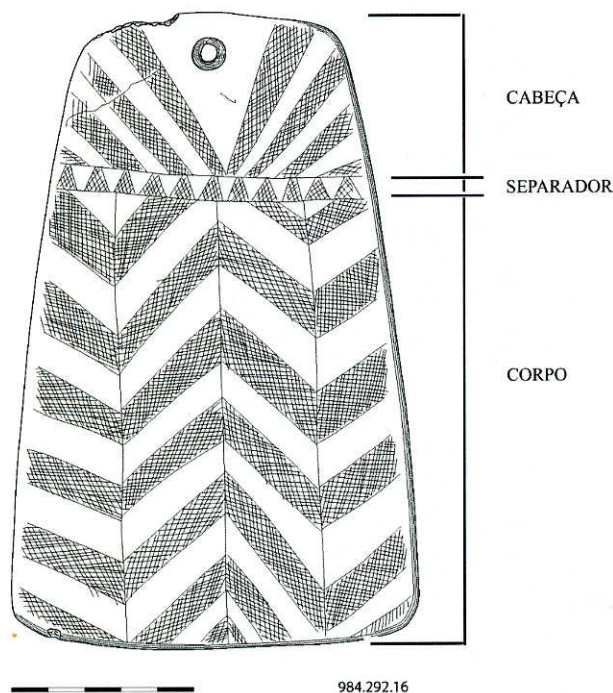


Figura 2. A organização básica de uma placa de xisto gravada. Em muitos casos, o Separador é apenas uma simples linha, noutros o Separador é construído com componentes múltiplos. O Corpo é por vezes segmentado por Separadores centrais e, em várias situações, encontramos um Separador na área proximal, o «Indicador de fim de placa», com o mesmo motivo do Corpo, mas em menores dimensões, ou com outro tema.

Para tornar curta uma história (muito) longa, escolhi aqui duas situações exemplares: as contagens provisórias sobre placas completas e fragmentos considerados como entidades individualizadas da Anta 1 do Paço de Aragão e, pelas razões adiante compreensíveis, as placas provenientes da gruta do Correio Mor.

As placas de xisto gravadas têm como suporte, de uma forma muito maioritária, o xisto azul-esverdeado, mas existem placas em serpentinito, de um verde-claro inconfundível, e outras sobre variantes de xisto (grauvaque?). A forma geral, ou contorno, varia entre o trapezoidal e o rectangular (algumas são recortadas, de forma a isolar a «Cabeça» e a tornar mais explícito o seu conteúdo antropomórfico, outras recortadas, definindo «braços»). As que se apresentam sobre forma ovalada

MOTIVO DOMINANTE	TOTAL	% POR MOTIVO
TRIÂNGULOS	129	67
FAIXAS ZIGUEZAGUEANTES	50	26
CABEÇAS SEM CORPO	22	-
OUTRAS TIPOLOGIAS	13	-
FAIXAS PREENCHIDAS	6	3
XADREZ	6	3
PLACA INCLUINDO CONTOURO DE ÍDOLO ALMERIENSE COMO MOLDURA	1	0,5
PLACAS HÍBRIDAS	1	0,5
TOTAL de placas-indivíduo	228	
TOTAL PARA ESTATÍSTICA DE MOTIVOS DO CORPO	193	

Quadro 1. Anta 1 do Paço de Aragão: números e motivos do Corpo das placas.

atingem o seu extremo na rara variante em forma de «ovo de avestruz» da Anta de Cabacinheiros (Gonçalves, Pereira e Andrade, 2005a).

Quando não são totalmente preenchidas por uma decoração monotemática, o que é infrequente, apresentam duas áreas, uma interpretada como a «Cabeça», outra como o «Corpo», individualizadas pelos motivos ou por Separadores de maior ou menor dimensão e complexidade. Independentemente da importância idêntica de estas duas áreas-componentes em processos de organização classificativa, escolhi os motivos do Corpo para exemplificar a situação registada na Anta 1 do Paço de Aragão (Montemor-o-novo). O número verdadeiramente impressionante das placas aí recolhidas, constitui, aliás, uma boa base estatística.

Como se observa, os triângulos são assim largamente dominantes neste monumento (67%, contra os 45,4% na totalidade dos monumentos do bem conhecido Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz), seguidos pelas faixas zigzagueantes preenchidas (26%, contra os 23,4% de Reguengos de Monsaraz). Os motivos em xadrez não ultrapassam aqui os 3%, número baixo, se mais uma vez o compararmos com o conjunto de Reguengos, em que atingem um número três vezes superior, 9%.

Curiosamente, os números relativos das placas de xisto gravadas da Anta 1 do Paço de Aragão mostram uma menor diversidade de motivos, registando-se ausências muito significativas, como a dos motivos oculados, particularmente os Olhos de Sol, que, por vezes, noutros contextos, surgem associados ao «ídolo almeriense». As placas com inclusões gráficas referenciáveis ao «ídolo almeriense» têm presenças muito escassas (0% no bem conhecido Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, onde apesar de tudo há uma figurinha de xisto isolada que o representa), 0,5% na Anta 1 do Paço de Aragão. À excepção da gruta natural do Bugio, já na Península de Lisboa, outra (inérita) na Anta 1 da Mitra (Évora), outra em Mértola (Gonçalves, 2006d).

Na Anta 1 do Paço de Aragão surgem assim dois motivos principais do Corpo, presentes em de 93% das placas de xisto gravadas. Maior homogeneidade seria difícil. O que ela significa é, porém, outra questão.

Manifestamente a seguir à eclosão do mundo das placas de xisto gravadas com motivos geométricos e contornos simples, temos outras situações, nomeadamente a das placas recortadas, onde a Cabeça e os Ombros são diferenciados por recorte. Para elas, havia apenas uma datação: 2920-2870 cal BC, a 2 sigmas, para a grande placa recortada J.8-667 da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 2003a), intervalo de tempo agora confirmado por outra datação da Anta da Horta, Alter do Chão, de 2930-2860 cal BC, a 2 sigmas (Oliveira, 2006). As placas recortadas podem associar-se à forma do «ídolo almeriense», o «ídolo chato» dos Leisner, ainda que constituam um conjunto diversificado, mas sempre relativamente tardio, provavelmente associado à progressão dos arqueometalurgistas em direcção a Ocidente.

A fusão da temática simbólica das placas de xisto gravadas com significados antropomórficos maioritariamente implícitos (Gonçalves, 2004c) com cargas antropomórficas mais explícitas (o recorte, as tranças, os Olhos, o triângulo público), a incorporação de uma figurinha recortada, quer como moldura (Anta 1 do Paço de Aragão) quer como motivo central (Bugio, Mitra), atinge forma de referência superlativa na placa de Mértola, onde sete ídolos se organizam em banda, a toda a largura da placa, nenhum deles maior que o outro, sendo portanto sete vezes a representação de uma mesma divindade (Gonçalves, 2006d).

A esta situação excepcional juntam-se ainda as figurações da respiração, quando a extremidade de um nariz em forma de lápis termina com a representação das narinas e do próprio do «sopro da vida».

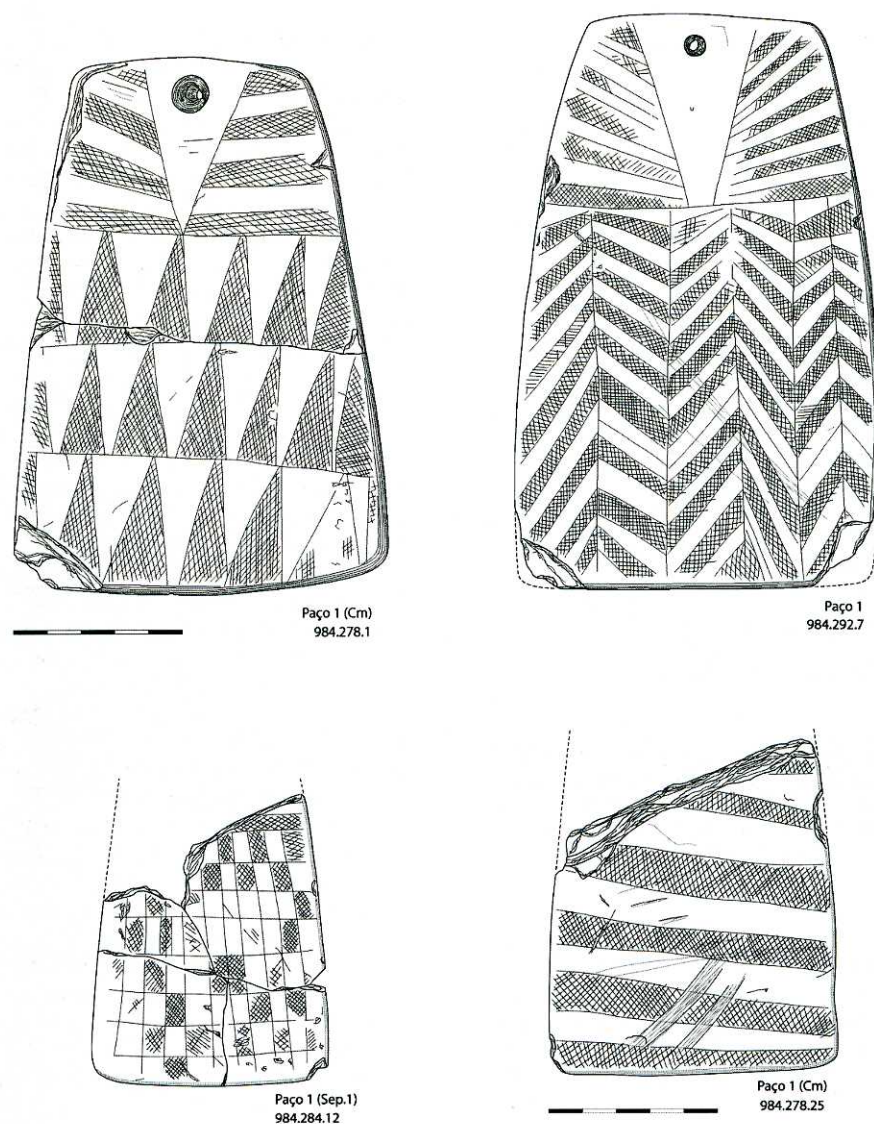


Figura 3. Quatro placas inéditas da Anta 1 do Paço de Aragão. Em cima, as frequentes placas com triângulos e faixas zigzagueantes (neste caso, com linhas guia verticais para uma melhor paginação). Em baixo, um campo «em xadrez» e uma das variantes das faixas rectilíneas preenchidas (Gonçalves, no prelo).

São placas como esta, minoritárias é certo, o que nada tem de mal, que nos reencaminham para os complexos meandros dos subsistemas mágico-religiosos, certamente melhor explicados por contextos de palavras e sentidos hoje completamente ausentes.

De fora, exclusivamente por limitações de espaço, que não de perspectiva, deixamos provisoriamente os báculos de xisto gravados (com os mesmos motivos das placas...) e as muito importantes placas esculpidas de grés, cuja iconologia não se afasta substancialmente das placas de xisto, mas cuja forte diferenciação se situa na intencionalidade da representação dos braços (e de mãos desmesuradas) bem como na muito explícita representação da Cabeça e do triângulo púbico, articulado com os braços convergentes.

#### OS ARTEFACTOS VOTIVOS DE CALCÁRIO E A «SITUAÇÃO» DO SANTUÁRIO DA GRUTA DO CORREIO MOR

Como afirmei por diversas vezes (Gonçalves, 1995b, 2003b), as formas mais frequentes dos artefactos votivos de

calcário compreendem os ídolos betilo, decorados ou não (cilíndricos, hiperbolóides, rombóides, cónicos, cónicos truncados), ídolos fálicos, ídolos «de gola», ídolos afuselados (geralmente gravados). Menos comuns, mas ainda assim com alguma representação, são os «ídolos pinha», «ídolos alcachofra», lúnulas, enxós encabadas, almofarizes, vasos, caixas rectangulares (lisas e gravadas)...

Entre as formas únicas, contam-se o par de sandálias de Alapraia, o «peso de balança» e a «cabeça de maçã» da Gruta do Correio Mor, a «insígnia» do Pai Mogo, os ídolos afuselados com espigão para fixação, o «tentáculo de polvo» de Careneque. Raros são artefactos como as placas encurvadas do Correio-Mor e do *tholos* da Praia das Maçãs, o «cadinho» de Alcalar 2, as esferas do *tholos* da Praia das Maçãs, o toneliforme de Casaínhos, os «peitorais» do *tholos* da Tituaria, o «ovo» gravado do *tholos* da Várzea...

A distribuição geográfica da tipologia de estes artefactos contem informação fundamental e que já por diversas vezes sublinhei. Porque *à medida que nos afastamos da Península de Lisboa, a diversidade das formas se reduz significativamente.*

Sem erro, podemos dizer que, até hoje, e fora desta região central, que inclui também parte da Península de Setúbal, os

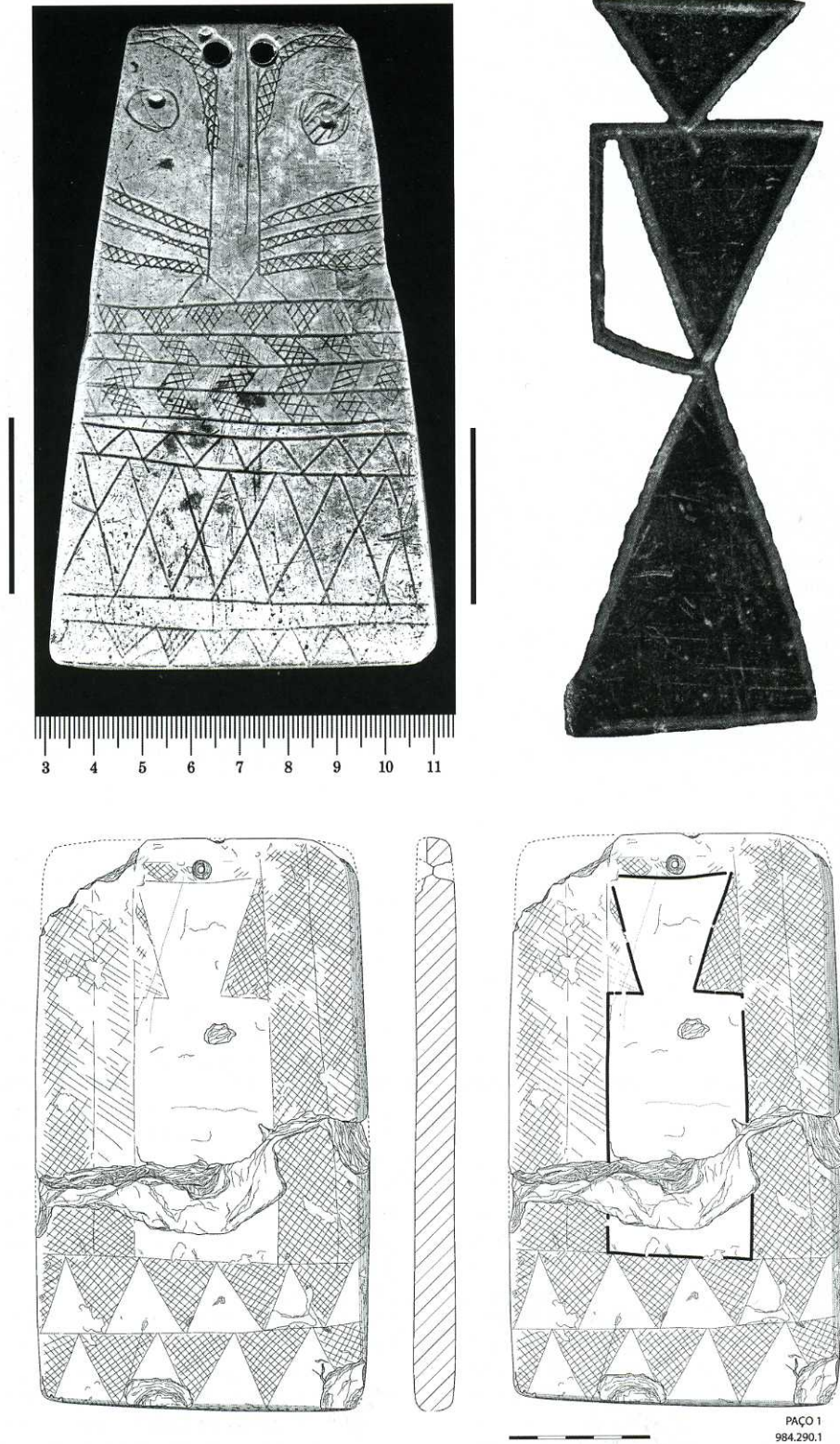


Figura 4. Em cima, uma das placas de Mértola (Gonçalves, 2006d), com a banda de sete «ídolos almerienses» assinalada e o primeiro deles, recortado. A placa foi tratada em negativo (*Photoshop*), para melhorar a visibilidade. Em baixo, a placa 984.290.1 da Anta 1 do Paço de Aragão e, ao lado a figura-moldura sublinhada a negro. Observar que a natureza feminina da imagem contentora é claramente indicada pelos triângulos com vértices para baixo.

artefactos que constam dos inventários são, para além das formas betilóides, quase sempre vasos (de variadas dimensões) e almofarizes (os *graaes* de Estácio da Veiga). Em Alcalar, por exemplo, encontramos apenas três tipos simples de artefactos votivos de calcário (contra os 11 da Gruta do Correio Mor ou os mais de 8 do Pai Mogo).

Considerada esta situação, admiti assim, noutra lugar, mas a este mesmo respeito, uma possibilidade que me parecia desenharmo-nos com elevado grau de probabilidade: *o conjunto de artefactos cerâmicos com decorações caneladas (copos e taças), os artefactos votivos de calcário, tholoi e grutas artificiais faziam originalmente parte de um só conjunto, detido pelos construtores*

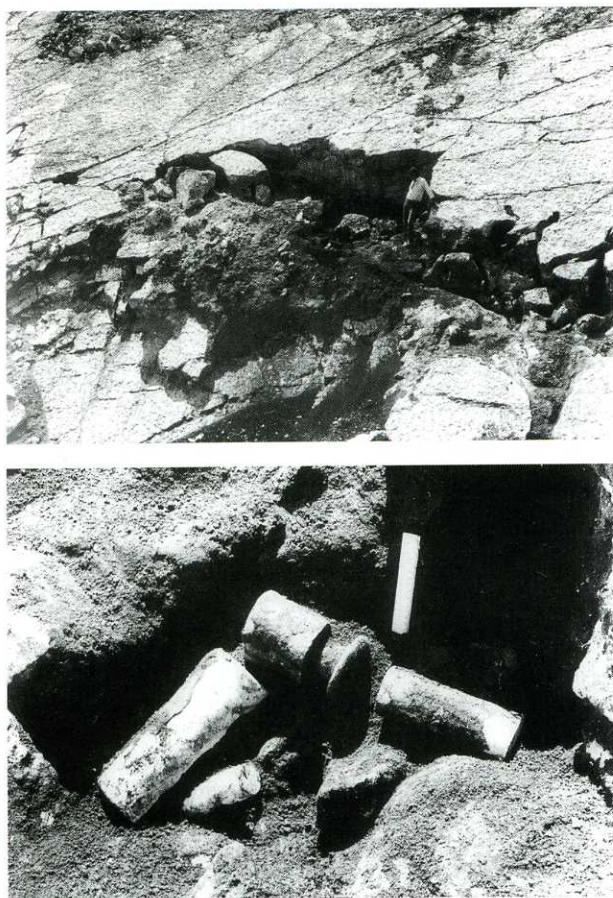


Figura 5. Em cima, a entrada da Gruta do Correio Mor e, em baixo, a concentração de artefactos votivos de calcário (imagens tratadas a partir de Cardoso, 1995).

*res e primeiros utilizadores de povoados fortificados.* A difusão a partir de uma região determinada – a Península de Lisboa e a área contígua, a Sul – acarretou a fragmentação do conjunto inicial, determinada pelas condicionantes regionais em matéria prima, e traduzindo, sobretudo, a própria natureza e evolução local das redes de povoamento (Gonçalves, 1995a, 1995b...).

A Gruta do Correio Mor (Loures, Lisboa) foi escavada em condições trágicas e totalmente destruída por uma pedreira. Do 3º milénio, apresentava vários níveis arqueológicos, incluindo a fase campaniforme tardia. Vários artefactos votivos de calcário foram encontrados na gruta, mas individualiza-se um notável santuário, à entrada da gruta, durante muito tempo apenas conhecido por uma imagem fotográfica primeiramente publicada por dois dos escavadores (Ferreira e Leitão, s/d). João Luís Cardoso recuperou materiais arqueológicos e fotográficos inéditos, tanto sobre a gruta como sobre o espólio simbólico, que publicou, como é seu hábito, meticulosamente (Cardoso, 1995, 2003).

No entanto, este sítio, pela importância e natureza dos seus materiais justifica algumas observações complementares.

Em primeiro lugar, e para voltarmos às placas de xisto gravadas, a presença de um conjunto de poucos exemplares, onde não é de estranhar e muito menos relevante o facto de as placas de xisto gravadas com motivos de faixas zigzagueantes no Corpo duplicarem o número das placas com triângulos. Tão reduzida é a amostra que o seu tratamento estatístico não tem qualquer significado. É aliás o que acontece com pequenos conjuntos, de 10 ou mesmo mais placas, que são escusadamente sobrevalorizados, quando obviamente o não justificam. Uma coisa é contar as percentagens dentro de estes conjuntos, outra



Figura 6. A grande figura teomórfica «peso de balança», actualmente no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa). Altura do original: 19,5 cm. (foto Victor S. Gonçalves).

é atribuir-lhes a mesma importância que na Anta 1 do Olival da Pega, na Anta Grande do Zambujeiro ou no *tholos* do Escoural. Ou, como vimos, na Anta 1 do Paço de Aragão...

O pequeno santuário do Correio-Mor, como João Luís Cardoso bem observou, inclui artefactos ideotécnicos que «...inscrever-se-iam, pois, entre os testemunhos, embora de carácter indirecto, da vasta aceitação de certos princípios mágico-religiosos que, oriundos da bacia mediterrânea, teriam atingido esta região periférica...» (Cardoso, 1995, p. 120). No entanto, o mais importante não reside apenas na natureza dos artefactos, e na sua similitude com outros da bacia mediterrânea, mas *na maneira como eles se organizam*. Devemos a João Luís Cardoso a tentativa de reconstruir a posição original dos artefactos, que se encontravam tombados, (de uma forma aproximativa, claro, porque as condições da deslocação, ainda que mínima, dos lugares originais não são rigorosamente conhecidas e podem ter implicado alguns pequenos desvios). Mas podemos avançar um pouco mais.

Os 11 artefactos que incluem a série do Correio Mor distribuem-se por três categorias facilmente visíveis.

1. a primeira categoria, a menos representada, é a dos *utensílios com carga simbólica*, apenas dois, uma cabeça de maça e uma provável representação da lâmina de uma enxó;

2. a segunda categoria ampla, a dos *antropomórficos*, inclui quatro exemplares distribuídos por três subcategorias: a primeira subcategoria inclui um exemplar notável, morfologicamente próximo de representações pré-dinásticas egípcias, uma figura com o aspecto de um «peso de balança». A segunda subcategoria diz respeito aos betilos troncocónicos facetados com uma representação específica das arcadas supraciliares e do nariz (um exemplar). A terceira subcategoria será a dos betilos troncocónicos facetados sem qualquer símbolo antropomórfico explícito (dois exemplares);

3. a terceira categoria, a dos *betilos cilindróides lisos*, está representada por cinco exemplares.

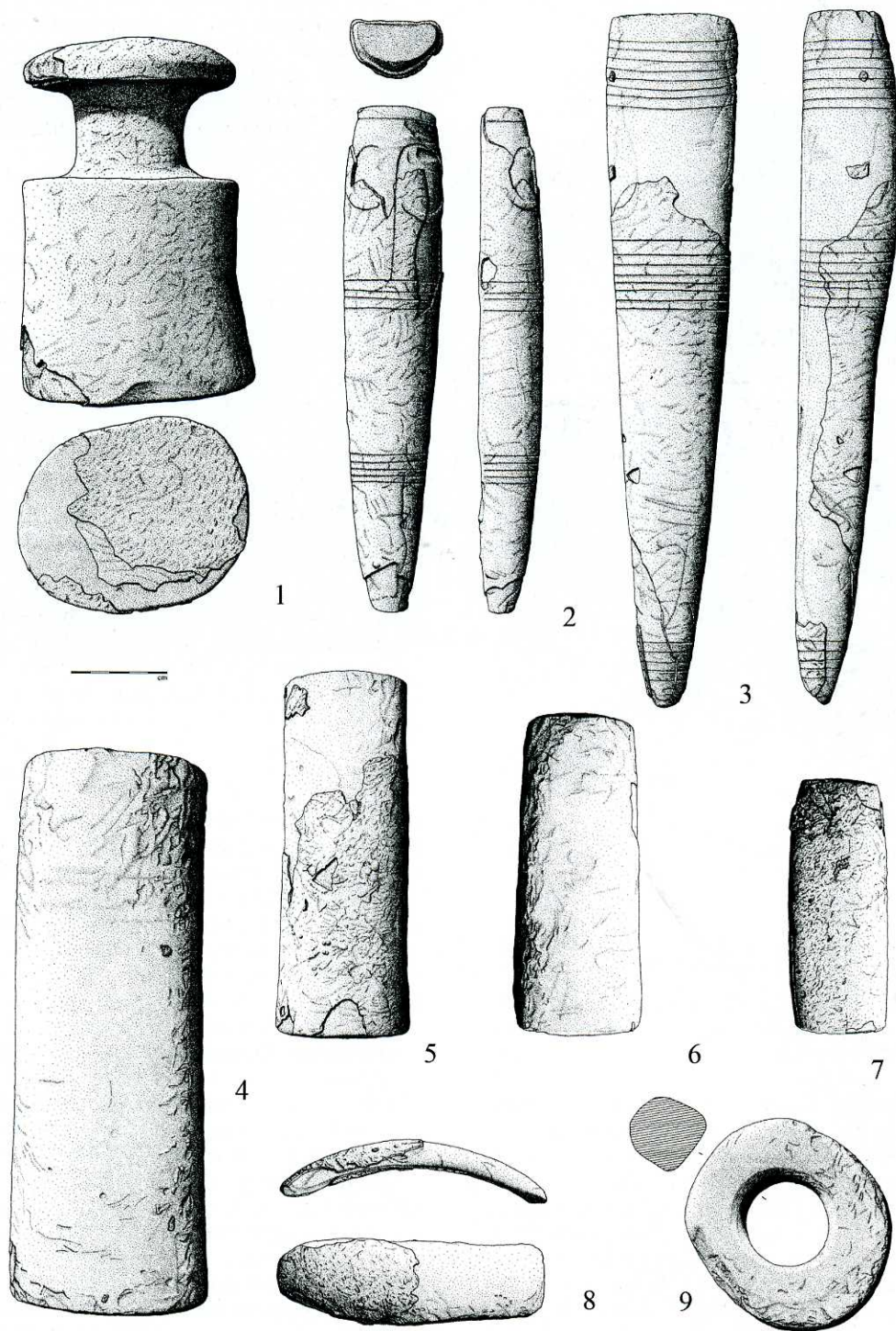


Figura 7. Categorias de artefactos votivos do altar do Correio Mor. 1: grande figura antropomórfica ou teomórfica «peso de balança»; 2: antropomorfo com figuração explícita no terço superior – contorno das arcadas supraciliares e nariz; 3 antropomorfo de morfologia semelhante à do anterior, mas sem figuração explícita; 4 a 7: betilos cilíndricos lisos; 8: «lâmina de enxó»; 9: «cabeça de maçã».

Porém, o que é verdadeiramente impressionante no conjunto do Correio Mor não é a raridade das formas, ainda que ela seja efectivamente significativa, mas a maneira como elas se agrupam ordenadamente. As figurações antropomórficas (em sentido estrito, mais correctamente *teomórficas*) articulam-se num núcleo coerente, ladeado a Sul e a Norte por grupos de betilos e prolongado a Este pelas representações simbólicas de artefactos. O topo da composição, que marca efectivamente a

organização de todo o espaço cénico, é a notável figura em forma de «peso de balança».

*Mas se observarmos de novo a disposição dos artefactos, veremos que eles se organizam muito precisamente numa disposição cruciforme, orientada a Nascente, e, dentro dela, se agrupam por categorias específicas.*

Assim, a grande representação antropomórfica em forma de peso de balança inicia o eixo principal Oeste – Este, que atra-

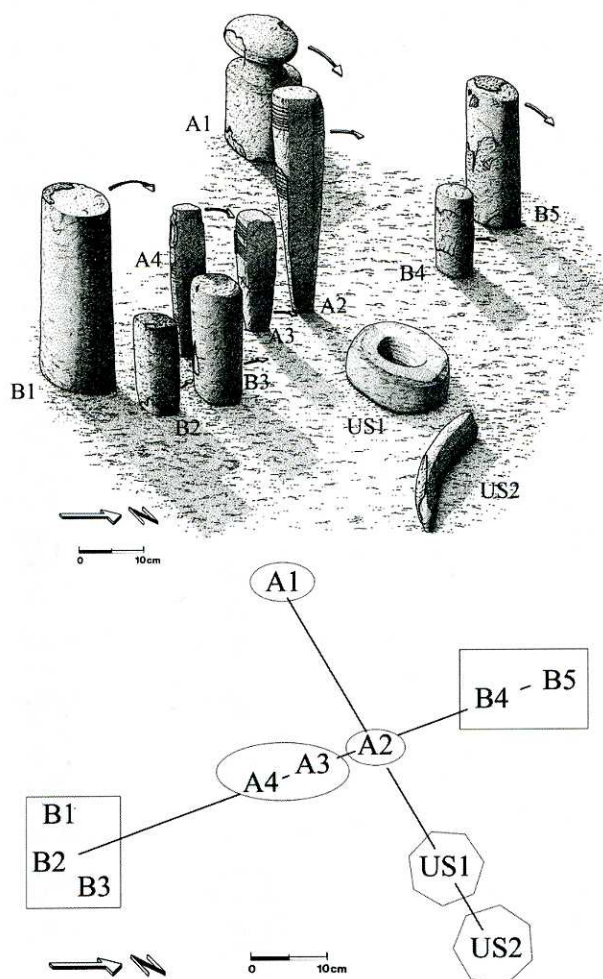


Figura 8. Em cima, reconstituição proposta por João Luís Cardoso (1995) para os componentes, com legendagem minha. A: figuras antropomórficas ou teomórficas; B: betilos lisos; US: utensílios simbólicos. Em baixo: eixos de construção do cenário simbólico, segundo a minha proposta. Os componentes rearranjados resumem-se aos betilos lisos.

vessa o outro eixo na localização do betilo de antropomorfismo explícito, para terminar em dois artefactos ideotécnicos, as representações de uma lâmina de enxó e de uma cabeça de maça ou bastão de comando.

Temos assim uma linha principal que articula os extremos A (*Divindade*) e B (*Utensílios simbólicos*). Este eixo está cortado por outro, cujas extremidades reúnem três betilos a Sul e dois a Norte, de diversas dimensões, cujo peso cénico deriva exclusivamente do seu número.

O santuário da gruta do Correio-Mor não apresenta assim apenas uma colecção de artefactos votivos de calcário: *O santuário da gruta do Correio-Mor é sobretudo uma encenação mágico-religiosa, que traduz um mundo organizado e ordenado hierarquicamente por categorias, o que não acontece nas representações caóticas noutros monumentos e sítios onde se registou a presença, em associação, de diversos artefactos votivos de calcário.*

#### A CONCLUIR?

São os dois subsistemas mágico-religiosos que englobam as placas de xisto gravadas e os artefactos votivos de calcário, bem definidos e compartimentados, incompatíveis?

Bem, tal seria dificilmente defensável uma vez que tal perspectiva fundamentalista implicaria esquecermos que vários artefactos votivos de calcário, nomeadamente as enxós encabadas, incluem triângulos preenchidos com retícula exactamente idênticos aos que encontramos nas placas...mas parece indiscutível que, se não são incompatíveis, são pelo menos bem diferenciados, ainda que permeáveis.

Lisboa, Outono de 2006

#### BIBLIOGRAFIA

- AKUGATAWA, R. 2006, *Rashomon and 17 other stories*. Introduction by Haruki Murakami. Londres: Penguin.
- CARDOSO, J. L. 1992, A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. 9-10. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. P. 89-225.
- CARDOSO, J. L. 1995, O santuário calcolítico da Gruta do Correio-Mor Loures. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 5. Câmara Municipal. P. 97-121.
- CARDOSO, J. L., 2003, A Gruta do Correio Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 11. Câmara Municipal. P. 229-321.
- CARDOSO, J. L. 1997, O povoado de Leceia, sentinela sobre o Tejo. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- FERREIRA, O. V.; LEITÃO, M. s/d, 1981?, *Portugal pré-histórico*. Lisboa: Europa-América.
- GONÇALVES, V. S. 1970, Sobre o Neolítico na Península de Setúbal. In *Actas das I Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: AAP. p. 407-421.
- GONÇALVES, V. S. 1978, Para um programa de estudos do Neolítico em Portugal. *Zephyrus*. Salamanca: Universidad de Salamanca. 28-29. p. 147-162.
- GONÇALVES, V. S. 1980, Dois novos ídolos tipo Moncarapacho. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: MAEDS. 4-5. p. 47-60.
- GONÇALVES, V. S. 1982, O povoado calcolítico do Cabeço do Pé da Erra Coruche. *CLIO*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa. 4. p. 7-18.
- GONÇALVES, V. S. 1983, O mito, o rito e o resto. Estudo introdutório à tradução portuguesa de *Les religions de la Préhistoire*, de André Leroi-Gourhan. Lisboa: Edições 70. p. 9-22.
- GONÇALVES, V. S. 1983-84, Cabeço do Pé da Erra Coruche, contribuição da campanha 183 para o conhecimento do seu povoamento calcolítico. *CLIO/ARQUEOLOGIA*. Lisboa: UNIARCH. 1. p. 69-75.
- GONÇALVES, V. S. 1987, O povoado pré-histórico da Sala nº 1 Pedrógão, Vidigueira: notas sobre a Campanha 188. *Portugália*. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras. Nova Série. 8. p. 7-16.
- GONÇALVES, V. S. 1989a, *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental*. Lisboa: INIC/UNIARQ. 2 vols.
- GONÇALVES, V. S. 1989b, Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 1. Deusas-Mãe, placas de xisto e cronologias: uma nota preambular. *Almansor*. Montemor-o-Novo: Câmara Municipal. 7. p. 289-302.
- GONÇALVES, V. S. 1992, *Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC. 264 pp, 22 Mapas, 28 Figuras, 48 Fotografias.
- GONÇALVES, V. S. 1993a, Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 3. A Deusa dos olhos de sol. Um primeiro olhar. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. 15. 5ª série. p. 41-47.
- GONÇALVES, V. S. 1993b, A Revolução dos Produtos Secundários e a Metalurgia do Cobre. *História de Portugal* dirigida por João Medina. Vol. 1. Lisboa: Ediclube. p. 237-241.

- GONÇALVES, V. S. 1993d, Os báculos, símbolos de poder?. *História de Portugal* dirigida por João Medina. Vol. 1. Lisboa: Ediclube. p. 312-313.
- GONÇALVES, V. S. 1993e, Pai Mogo, na Lourinhã, um *tholos* «exemplar». *História de Portugal* dirigida por João Medina. Vol. 1. Lisboa: Ediclube. p. 320-323.
- GONÇALVES, V. S. 1994a, O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: procurando algumas possíveis novas perspectivas, sem esquecer as antigas. *Actas do seminário sobre Megalitismo*. Mangualde. 20-22 de Novembro de 1992. Viseu, 1994. p. 115-135.
- GONÇALVES, V. S. 1994b, Os artefactos votivos de calcário, oferendas votivas do 3º milénio. In «Lisboa Subterrânea». Ed. Lisboa 94. p. 189-190.
- GONÇALVES, V. S. 1995a, Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 2. A propósito dos artefactos votivos de calcário das necrópoles de Alcalar e Monte Velho. *I Jornadas de Arqueologia do Sudoeste Alentejano*, Sagres, 1991. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 199-216.
- GONÇALVES, V. S. 1995b, *Sítios, «Horizontes» e Artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. 1996 [2003], Pastores, agricultores e metalurgistas em Reguengos de Monsaraz: os 4º e 3º milénios. *OPHIUSSA*. 0. Lisboa, 1996
- GONÇALVES, V. S. 1999a, *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.
- GONÇALVES, V. S. 1999b, Time, landscape and burials. 1. megalithic rites of ancient peasant societies in central and southern Portugal. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto: ADECAP. P. 83-91
- GONÇALVES, V. S. 2001, A anta 2 da Herdade de Santa Margarida Reguengos de Monsaraz. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Nº 4.2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. P. 115-206.
- GONÇALVES, V. S. 2003a, *STAM-3, A anta 3 da Herdade de Santa Margarida Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: IPA.
- GONÇALVES, V. S. 2003b, *Sítios, «Horizontes» e artefactos. Estudos sobre o 3º milénio no Centro e Sul de Portugal*. 2ª edição revista e aumentada com dois novos textos. Câmara Municipal de Cascais.
- GONÇALVES, V. S. 2004a, As deusas da noite: o projecto «PLACA NOSTRA» e as placas de xisto gravadas da região de Évora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2; p. 49-72.
- GONÇALVES, V. S. 2004b, As placas de xisto gravadas dos monumentos colectivos de Aljezur. *Arqueólogo Português*. 22. P. 163-318.
- GONÇALVES, V. S. 2004c, Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 5. O explícito e o implícito. Breve dissertação, invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1; p. 165-183.
- GONÇALVES, V. S. 2005a, *Cascais há 5000 anos: espaços de vida, espaços de morte e contextos para ambos*. Câmara Municipal de Cascais.
- GONÇALVES, V. S. 2005b, As placas de xisto gravadas dos monumentos colectivos de Aljezur. Aljezur: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. 2005c, Espaços construídos, símbolos e ritos da morte das antigas sociedades camponesas no Extremo Sul de Portugal: algumas reflexões sob a forma de sete qmf. *Mainaké*. Málaga.
- GONÇALVES, V. S. 2005d, Manifestações do Sagrado no Ocidente Peninsular. 6. As representações da Deusa no edifício funerário tipo *tholos* do Monte Novo dos Albardeiros Reguengos de Monsaraz, Évora. *O Arqueólogo Português*. 4ª S. 23. Lisboa.
- GONÇALVES, V. S. 2006a, Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 7. As Placas Híbridas: Definição do conceito, alguns poucos exemplos e, de novo, os possíveis significados das placas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2.
- GONÇALVES, V. S. 2006b, Quelques questions autour du temps, de l'espace et des symboles mégalithiques au Centre et Sud du Portugal [com versão inglesa: Some questions about time, space and megalithic symbols in the centre and the south of Portugal]. *Origine et développement du mégalithisme de l'ouest de l'Europe*. Bougon. Vol. 1, p. 485-510.
- GONÇALVES, V. S. 2006c, Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 8. Sete placas de xisto gravadas (e algumas outras a propósito). *O Arqueólogo Português*. 4ª S. 24. Lisboa.
- GONÇALVES, V. S. no prelo, *As placas de xisto gravadas da Anta 1 do Paço de Aragão Montemor-o-Novo*. «PLACA NOSTRA», *Corpus* das placas votivas de Portugal. Vol. 1. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- GONÇALVES, V. S., ed. 2000, *Muitas antas, pouca gente?*. *Actas do 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GONÇALVES, V. S., ed. 2003, *Muita gente, poucas antas? Espaços, Origens e Contextos do Megalitismo*. *Actas do 2º Colóquio internacional sobre Megalitismo*. Reguengos de Monsaraz, 2000.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M.; PEREIRA, A. 2004a, As placas de xisto gravadas da gruta artificial S. Paulo 2 Almada. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2; p. 73-96.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M.; PEREIRA, A. 2004b, As placas de xisto gravadas das grutas artificiais do Tojal de Vila Chã Carenque e da necrópole das Baútas Mina, Amadora propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora. *Arqueólogo Português*, s. 4, 22, p. 113-162
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. 2003, A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora. *Arqueólogo Português*, s. 4, 21, p. 209-244.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. 2005a, As notáveis placas votivas da Anta de Cabacinheiros Évora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1; p. 43-109.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. 2005b, As placas de xisto gravadas e o báculo recolhidos nas duas Antas da Loba Nº Sª de Machede, Évora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2; p. 5-53.
- LILLIOS, K. 2002, Some new views of the engraved schist plaques of southwest Iberia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 5:2; p. 135-152.
- OLIVEIRA, J. 2006, *Património arqueológico da coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*. Lisboa: Edições Colibri.